

MARCHA LENTA: Demanda externa terá participação negativa em 2006 devido à valorização do real

Crescimento não deve chegar a 4% este ano

Expectativa de Lula é que o Brasil registre expansão entre 4% e 5%. Mercado interno tende a puxar o PIB

Aguinaldo Novo, Cássia Almeida e Luciana Rodrigues

• BRASÍLIA, SÃO PAULO e RIO. As projeções dos economistas para a expansão do Produto Interno Bruto (PIB, conjunto de todas as riquezas geradas em um ano) em 2006 passam pouco de 3%. Mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva quer um avanço de 5%, ou no mínimo que seja maior de 4%, de acordo com ministros que viajaram com ele pelo país esta semana. O presidente se reuniu ontem com o ministro da Fazenda, Antonio Palocci, na Granja do Torto. Os dois analisaram os números do PIB.

Para a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o PIB poderá avançar 3,3% este ano. A estimativa considera a perspectiva de maior redução das taxas de juros. Mas a CNI entende que essa melhora não será uniforme ao longo do ano: é a partir do segundo trimestre que a atividade industrial deverá crescer mais, diz Paulo Mol, economista da entidade. Para ele, a expansão de 0,8% no quarto trimestre de 2005 em relação ao terceiro trimestre já aponta uma "pequena melhora".

— A atual política monetária restritiva tem efeitos adversos relevantes sobre os investimentos. Mas este ano deverá ser melhor do que 2005.

A expectativa do Instituto de Desenvolvimento Industrial (Iedi) para este ano é um pouco melhor, tendo em vista a perspectiva de crescimento da massa de rendimentos, mas ela ainda fica abaixo da previsão do governo de crescer mais de 4% neste ano.

— Nossa projeção para o PIB de 2006 foi mantida em 3,5% — afirmou o diretor-executivo do Iedi, Júlio Almeida.

A Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) aposta em 3%, mesma estimativa do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp). O economista-chefe Carlos Cavalcanti também receia que o setor exportador, que nos últimos anos teve participação decisiva nos resultados do PIB, enfrente neste ano problemas com a crescente valorização do real frente ao dólar.

Ipea não vê mudança na trajetória de juros

Paulo Levy, diretor dos Estudos Macroeconômicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), também vê o setor externo com participação negativa no PIB este ano. Nas contas do Ipea, a economia crescerá 3,4%, enquanto as exportações entre 5% e 6%, abaixo das importações, gerando déficit na balança comercial.

— O crescimento este ano será totalmente ditado pela demanda interna. E deve haver uma recuperação do setor agropecuário que sofreu muito no ano passado. Além disso, há expectativa de melhoria na construção civil.

O resultado ruim de 2005, porém, não deverá mudar a velocidade da queda de juros em 2006. A taxa Selic está atualmente em 17,25% ao ano.

— A queda precisa ser gradual. A demanda no Brasil cresce muito rapidamente. É preciso dosar o crescimento para abrir espaço para o investimento — diz Levy.

Antonio Licha, coordenador do Grupo de Conjuntura da UFRJ, prevê uma alta de 3,8%, mas admite que o número poderá ser revisto frente ao desempenho aquém do esperado do PIB no último trimestre do ano passado. O economista Ricardo Carneiro, da Unicamp, projeta uma expansão entre 3% e 3,5% e teme pela recuperação dos investimentos. Na avaliação de Carneiro, os investimentos devem continuar fracos em 2006, já que as indústrias não costumam tomar decisões estratégicas em anos eleitorais. ■

Por que o país não consegue crescer mais?

Juros altos e má gestão fiscal — seja pelo lado do crescente superávit primário, seja pelo persistente aumento dos gastos públicos — encabeçam a lista de entraves ao crescimento econômico brasileiro, na opinião de especialistas ouvidos pelo GLOBO. As duas variáveis, aliadas à sobrevalorização do real, inibem a taxa de investimento na economia, uma pré-condição ao crescimento sustentado. Os analistas também chamam a atenção para as deficiências da infra-estrutura, as indefinições sobre marco regulatório e o adiamento das reformas do Estado. E, persistindo o atual cenário, não escondem o pessimismo em relação ao crescimento do país.

"O país não investe em educação, precisa promover um ambiente mais positivo para novos investimentos e dar maior transparência à prestação de contas à sociedade, sobretudo no que se refere ao gasto público"

PEDRO PASSOS • CO-PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO DA NATURA E CONSELHEIRO DA AMCHAM-SP

"O dragão da inflação já virou um fóssil e ainda estamos lutando contra ele. Enquanto os juros estiverem nesse nível, o país não cresce mais de 3%. Se liberarem os juros, o investimento na produção aumenta e o desenvolvimento vem."

JASON VIEIRA • ECONOMISTA-CHEFE DA GRC VISÃO



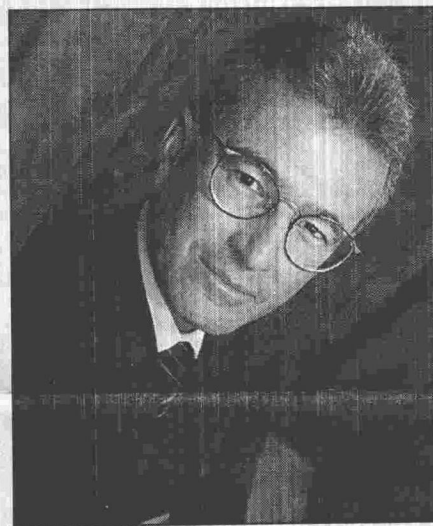
"As reformas liberais não foram capazes de proporcionar crescimento forte, mesmo com o cenário mundial favorável. É preciso juros mais baixos, dólar mais alto e superávit fiscal menor. E, depois, uma política de desenvolvimento"

RICARDO CARNEIRO • PROFESSOR DA UNICAMP



"O desempenho pífio é resultado de uma política econômica equivocada, que mantém juros proibitivos para o setor produtivo, da busca incessante de fazer um estrondoso superávit primário e da falta de uma agenda voltada para o desenvolvimento"

PAULO PEREIRA DA SILVA • PRESIDENTE DA FORÇA SINDICAL



"No Brasil, o investimento não chega a 20% do PIB. Com essa taxa, não vamos sair nunca dessa lenga-lenga. A principal variável para fazer o país crescer seria baixar os juros. Mas, para isso, precisaríamos de uma política fiscal mais dura"

JOAQUIM ELÓI CIRNE DE TOLEDO • PROFESSOR DA USP



"O Brasil superou sua vulnerabilidade externa, mas ainda tem amarras. O regime de metas de inflação precisa ser menos rígido, com mais intervenção no câmbio e menor oscilação nos juros, para permitir um círculo virtuoso"

ANTONIO LICHA • PROFESSOR DA UFRJ



"A teimosia do governo em manter altos juros e não reduzir os gastos públicos impediu o Brasil de crescer, pelo menos, na média dos demais países emergentes. Estamos lado a lado com o Haiti, solidários até no medíocre crescimento"

PAULO SKAF • PRESIDENTE DA FIESP



"O país não cresce por fatores estruturais e conjunturais. Há dificuldades para que o investimento e a produtividade cresçam. E o governo tem dificuldades para reduzir o juro e o gasto público"

GUSTAVO LOYOLA • ECONOMISTA DA TENDÊNCIAS CONSULTORIA INTEGRADA E EX-PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL



"O volume de crédito da economia cresce há vários meses e supera os R\$ 600 bilhões. Falta agora despertar a criatividade dos empresários no sentido de investir, criar novos empreendimentos. Tudo indica que o juro vai cair de forma acelerada daqui para frente"

MARCIO CYPRIANO • PRESIDENTE DA FEBRABAN E DO BRADESCO



"Passamos por seguidas crises e, em 2005, o escândalo político abalou a confiança dos investidores. A culpa não foi dos juros. Não há um defeito de não-crescimento. Com confiança e um governo honesto, o país crescerá"

CLAUDIO CONSIDERA • PROFESSOR DO IBMEC

"É difícil crescer com uma carga tributária de 38% do PIB. Em oito anos, houve avanço de dez pontos percentuais. Isso tem efeito na disposição e na capacidade de investir. O governo não investe em infra-estrutura, portanto o empresário não sabe se haverá carência de energia, se terá estradas em bom estado, e por isso investe menos. Com uma taxa de investimento entre 19,5% e 20% do PIB será difícil crescer acima de 3,5% de forma sustentada"

PAULO LEVY • DIRETOR DE ESTUDOS MACROECONÔMICOS DO IPEA

"O que está impedindo o crescimento mais forte do país é o contínuo aumento da carga tributária. A economia vem passando por reformas e ajustes, mas simultaneamente estamos aumentando os gastos públicos, especialmente transferências previdenciárias e programas sociais. Mas destinar a receita adicional a esses gastos, meritórios do ponto de vista social, não gera aumento da produtividade. Portanto, o resultado líquido no desempenho do PIB é negativo. Enquanto não equacionarmos o nó fiscal, o crescimento em bases sólidas não virá."

SAMUEL PESSOA • ECONOMISTA DA FGV-RJ

ASSIM FALOU LULA

"Para botar o Brasil nos trilhos e retomar o tão sonhado crescimento econômico, era preciso tomar algumas medidas duras, amargas até. Sem dúvida foi um ano de muito sacrifício (2004) para o governo e para os brasileiros. Mas não havia outra alternativa"

EM 2-1-2005

"Estão lembrados que, no ano passado, a previsão era 3,5% (para o PIB)? Não foi 3,5%, foi 5%. Nesse ano penso que poderemos crescer 5% ou um pouco mais"

EM 13-1-2005

"Agora não tem choro nem vela. Estamos no caminho certo e não tem mais lugar para pessimismo"

EM 11-2-2005

"Não podemos pensar que tudo está resolvido e, agora, fazer uma farra. Não, agora é que temos de trabalhar duro, com seriedade, para que possamos fazer a economia brasileira continuar crescendo"

EM 2-3-2005

"Eu digo para os meus companheiros o seguinte: não sou

economista, não sou especialista, mas vou dizer: este ano a gente vai superar outra vez. Se o ano passado foi uma bela surpresa, este ano vai ser outra bela surpresa"

EM 2-6-2005

"A economia não está dando certo? Está. O crescimento econômico ultrapassou até a previsão dos mais otimistas"

EM 23-11-2005

"Não se preocupem com o índice do terceiro trimestre. Não se

preocupem porque, embora tenha me deixado chateado, porque sempre esperamos números altamente positivos, os indicadores demonstram que a economia vai crescer de forma sólida em 2006 e, se Deus quiser, em 2007, 2008, 2009 e 2010"

EM 3-12-2005

"Nós estamos, como diria o meu lado musical, afinando a orquestra. E logo, logo, o espetáculo do crescimento vai começar"

AINDA EM 29-5-2003